

RESENHA – REVIEW – RESEÑA

IDÉIAS ‘DE’ E ‘PARA’ A EUROPA

IDEAS ‘OF’ AND ‘FOR’ EUROPE

IDEAS ‘DE’ Y ‘PARA’ EUROPA

Por: **Diogo da Silva Roiz**, doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), bolsista do CNPq. Mestre em História pela Unesp. Professor da UEMS. E-mail: diogoroizs@yahoo.com.br

BAUMAN, Z. **Europa**: uma aventura inacabada. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 151p.

No início dos anos de 1990, Jacques Le Goff (1995) iria definir e indicar as relações entre a velha e a moderna Europa; este texto, aliás, foi inspirado pelas rediscussões sobre a relação entre continente e nação. Com os avanços políticos dos tratados que firmaram a União Européia, novamente o momento foi sugestivo para que o autor (2006, 2008) voltasse à questão de modo mais sistemático, para propor que as origens desses debates políticos e culturais estariam na Idade Média, quando se consolidou a ideia de Europa.

Com mais de 20 livros traduzidos no Brasil, Zygmunt Bauman¹ tem se tornado uma referência para pensar as transformações contemporâneas da modernidade e

¹ São eles: *Modernidade e holocausto* (1998), *Modernidade e ambivalência* (1999), *O mal-estar da pós-modernidade* (1999), *Globalização* (1999), *Em busca da política* (2000), *Modernidade líquida* (2001), *Comunidade* (2003), *Amor líquido* (2004), *Identidade* (2005), *Vidas desperdiçadas* (2005), *Europa* (2006), *Tempos líquidos* (2007), *Vida líquida* (2007), *Sociedade individualizada* (2008), *Vida para consumo* (2008), *Medo líquido* (2008), *A arte da vida* (2009), *Confiança e medo na cidade* (2009), *Aprendendo a pensar com a sociologia* (2010), *Capitalismo parasitário* (2010), *Legisladores e intérpretes* (2010), *Vida a crédito* (2010), *Bauman sobre Bauman* (2011), *Vida em fragmentos* (2011), *44 cartas do mundo líquido moderno* (2011). Bauman é sociólogo polonês, iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia. Em função da censura a livros e artigos, nos anos de 1960, que resultou em seu afastamento da universidade no final daquela década, acabou migrando da Polônia. Refez sua carreira no Canadá, Estados Unidos e Austrália, até chegar à Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por vinte anos. Durante esse período teve sua obra publicada e traduzida para mais de 20 idiomas, em função das noções e



da pós-modernidade. Apontando questões como identidade, comunidade, globalização, e a combinação de fatores que produziram uma modernidade líquida, um amor líquido, uma vida líquida, em tempos líquidos, suas reflexões também têm sido vistas como pioneiras para o entendimento das transformações rápidas e drásticas que se deflagraram nas últimas duas ou três décadas em todo mundo.

Em seu livro *Europa*, o autor refaz o itinerário e a história da palavra e do continente, visualiza a formação dos impérios modernos articulados entre certas nações européias, as transformações do Estado social para o de segurança e as leituras e apropriações que foram feitas sobre a civilização européia, que se tornaria estrangeira em um mundo que lhe é hospitaleiro – apesar dos conflitos gerados pelo terrorismo.

Da construção mitológica à fundamentação histórica, a Europa sempre esteve entre a tensão do particular e do universal, do continente e da nação, da cultura e da civilização. Não sem razão, a “Europa como ideal [...] é um desafio à propriedade monopolista” (p. 12). Além disso, não “foi apenas a cultura que veio a ser uma descoberta/invenção europeia” e a “Europa também inventou a necessidade e a tarefa de *cultivar a cultura*” (p. 16), assim como proclamar que o mundo é feito pela cultura. Para ele, por “muitos séculos, a Europa foi uma ciosa exportadora de seus próprios excedentes de história, incitando/forçando o resto do planeta a tomar parte como consumidores”; e, ao fazer isso, durante “longos séculos de comércio unilateral, iníquo, agora se rebatem sobre a Europa, colocando-a face a face com a tarefa desanimadora de consumir localmente o excedente da história planetária” (p. 19). No entanto, o “passado piromaníaco da Europa pode ser um forte motivo para um grande volume de auto-análise e sentimentos de culpa, mas os dedos chamuscados podem ainda mostrar-se um triunfo” (p. 43), permitindo que se passe em revista o passado, se reveja o presente e se volte a sonhar com o futuro.

Ao repassar todo esse itinerário, o autor destacará que:

[...] a Europa nunca tinha enfrentado a ameaça de ser conquistada por outro continente – e nunca tinha sido olhada de cima e difamada como potência de segunda classe, obrigada a jurar obediência a um império estrangeiro [como ocorreu a partir de meados do século passado] e se fazer aceitar por uma força a qual tem pouca esperança de apaziguar, pacificar ou converter aos seus costumes –, muito menos de submeter-se e subordinar-se aos seus desígnios. A Europa nunca tinha vivido com uma deprimente

interpretações que propôs para pensar o Capitalismo, a Modernidade, o consumo, a sociedade e os indivíduos.

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.8, n.1, p. 238-241, jan/jul. 2011

consciência de sua própria inferioridade e com a experiência de ser obrigada a observar padrões de vida defendidos e praticados por outros, de lutar para ajustar e adaptar as suas ações a esses padrões, a emular formas de vida estranhas e/ou a se adequar a elas, posicionando as suas formas de vida ao nível delas. Entre as numerosas habilidades adquiridas pela Europa, aquelas exigidas por essas contingências estavam conspicuamente ausentes (p. 49).

E esses seriam apenas uma parte dos dilemas a serem enfrentados pela Europa, uma vez que não se limitariam a questões socioculturais ou econômicas, mas se desdobrariam também na política. O terrorismo seria outro tópico delicado, por informá-la que a ação do 'outro', outrora colonizado e escravizado, não se limitava à subjugação, estendendo-se também sobre a ação, inclusive a armada. Se as "atuais condições de terra de fronteira galvanizadas pelo império fantasma podem muito bem entrar para a história como as circunstâncias que efetivamente salvaram o 'idioma europeu' do desaparecimento" (p. 92), nem por isso suas fragilidades religiosas, culturais, políticas, econômicas, políticas e sociais se tornariam menos graves, pois:

A lógica da responsabilidade/aspiração global, se adotada e priorizada sobre a lógica do entrenchamento local, pode ajudar a preparar a Europa para a sua esperada aventura, talvez maior do que todas as anteriores. Apesar das chances formidavelmente adversas, isso poderia colocar mais uma vez a Europa no papel de estabelecer padrões no plano global. Pode possibilitar que a Europa empregue os valores e a experiência política/ética de autogoverno democrático que adquiriu a fim de ajudar na substituição de uma série de entidades territorialmente entrenchadas, engajadas num jogo de soma-zero de sobrevivência, por uma comunidade humana universal, totalmente incluída. Só com a realização de tal comunidade é que a missão da Europa pode ser concluída. Só dentro de tal comunidade é que os valores que iluminam as ambições e buscas europeias podem estar realmente seguros (p. 142).

Lendo assim a questão, e retomando o que tantos europeus, e de maneira em geral eurocêntrica, já fizeram anteriormente, ao discutir a ideia de Europa² Bauman revela suas íntimas ligações intelectuais com Jürgen Habermas (2002, 2006), e, mesmo que indiretamente, com Jacques Le Goff, ao confirmarem um discurso

² Muitos autores já tinham feito uma história da ideia de Europa, desde Edmund Husserl, até F. Chabod (*Storia dell'idea d'Europa*, Laterza, Roma-Bari 1974), D. Hay (*Europe. The Emergence of an Idea*, 1957), e, mais recentemente, E. DU RÉAU, *L'idée d'Europe au XXe siècle*, Complexe, Bruxelles 1996; J.B. DUROSELLE, *L'Europe, histoire de ses peuples*, Perrin, Paris 1993; J.-P. FAYE, *L'Europe unie. Les philosophes et l'Europe*, Gallimard, Paris 1992. Além desses autores, também podemos lembrar os livros a que já temos acesso em traduções portuguesas: FEBVRE, L. *Europa*. Bauru/SP: Edusc, 2005; BRAUDEL, F. *Civilização Material, Economia e Capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 3v.

européista, do continente para o mundo, em resposta aos desafios desta época. Se verdadeiramente a Europa cumpriu um papel de destaque no mundo moderno, como alertaria Josep Fontana (2005), esse papel não se faria sem que, com isso, fossem criados um conjunto de espelhos, com vistas à dominação do 'outro', do 'bárbaro', do 'desconhecido'. Nesse sentido, não devemos nos limitar ao tipo de leitura que Bauman nos propõem sobre a Europa, pois, como sugere Fontana, também neste caso temos que ter os instrumentos adequados para poder sair dessa nova galeria de espelhos, que entorpecem a visão, camuflam a realidade e impõem sutilmente um novo discurso em prol da dominação europeia sobre o mundo.

Referências:

FONTANA, J. **A Europa diante do espelho**. Tradução de Omar Ribeiro Tomaz. São Paulo: Edusc, 2005.

HABERMAS, J. **A inclusão do outro**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HABERMAS, J. **O Ocidente dividido**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

LE GOFF, J. **A velha Europa e a nossa**. Tradução de Regina Louro. Lisboa/Portugal: Editora Gradiva, 1995.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

LE GOFF, J. **Uma breve história da Europa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

Resenha:

Recebido em: 13/02/2011

Aceito em: 19/05/2011